

GALERIA REPUBLICANA

Editor e proprietario — JOÃO JOSÉ BAPTISTA

Director: — Magalhães Lima. — Collaboradores: Augusto Rocha,

Alexandre da Conceição, Alves da Veiga, Anselmo Xavier, B. Machado, B. Pinheiro, Costa Goodolphin, Gomes Leal, G. Benevides, João Monteiro, José J. Nunes, J. M. Latino Coelho, Maria L. Caldas, Reys e Sousa, Roberto Valença, Rodrigues de Freitas, Silva Graça, Silva Lisboa, Teixeira Bastos, Theophilo Braga, Trigueiros de Martel, etc., etc., etc.

PHOTOGRAPHIAS DE ANTONIO MARIA SERRA

Numero 28

Fevereiro — 1883

2.º anno

RODRIGUES DE FREITAS

I

Um dos phenomenos mais curiosos da moderna civilização portugueza, que põe em evidencia os sentimentos eminentemente liberaes da nossa raça, tão pacata e prudente nos tempos de paz, como agitada e temeraria nos momentos de perturbação, é o desenvolvimento rapido que tem tido no paiz as idéas democraticas, que deram aos espiritos nova orientação politica capaz de os levar a soluções completas e definitivas do problema capital da organização do Estado.

Em povo algum, especialmente dos que constituem a familia neo-latina, tem sido tão rapida a divulgação das idéas e principios do radicalismo.

A Hespanha, que se agita desde o principio d'este seculo em demanda do verdadeiro governo popular, secundada n'esta obra de redempção social, por illustres pensadores como Xivto Camara, Nicoláo Maria Rivéro, Estanislaó Figuerás, José Maria Orense, Py y Margall, Fernando Garrido e outros: a França, emancipadora do genero humano, pelos trabalhos dos seus Estados Geraes, pela philosophia de Descartes, pela critica dos pensadores do seculo xviii, e, sobretudo, pela gloriosa revolução de 1789, que dissipou para sempre as idéas da antiga ordem social; a Italia, a bella e formosa Italia, arrancada á tyrannia das casas d'Austria e de Bourbon, por uma geração entusiasta, que vem apostolando desde 1820 a causa republicana; apresentam contrastes bem salientes com o nosso paiz.

Aqui as tempestades do constitucionalismo monarchico não deixaram atraz de si vestigios de educação democratica. Passaram sem crear nos espiritos as largas aspirações de reformatão, os generosos impulsos dos corações apaixonados pela

grandeza e emancipação das classes opprimidas. Excepção de um ou outro homem, como Henriques Nogueira, Oliveira Marreca, Souza Brandão e Elias Garcia, que tiveram, pelas circunstancias do tempo, de desempenhar um papel meramente pas-

cia na industria; taes foram os resultados immediatos, visiveis, que deu o governo monarchico em Portugal. Nem instrução, nem moralidade, nem credito, nem riqueza, trouxe a este desgraçado paiz o governo paternal dos seus reis contitucionaes.

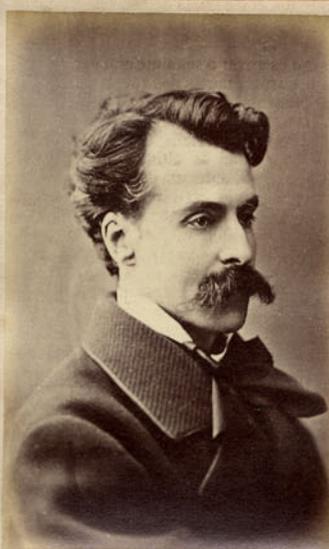
A democracia é uma obra recente, que apenas se prende no passado com as aspirações mal definidas dos nossos patriotas de 1820. Nasceu e desenvolveu-se rapidamente. Não só como um protesto contra a lamentavel situação em que vivemos, mas tambem como affirmação clara e conscienciosa de um corpo de doutrinas novas, como formula de progresso adequada á dignidade e aos interesses dos povos resolvidos hoje a collocarem os seus direitos acima de todos os privilegios, a sua dignidade acima de todos os preceitos.

N'esta obra de transformação, recente, radical, virtuosa, do organismo das instituições nacionaes, trabalham pensadores illustres, jornalistas cheios de enthusiasmo, oradores eloquentes, inspirados na fé ardente em novo ideal de justiça, professores distinctos que conquistaram as cadeiras á custa do estudo e do talento; geração brilhante que resume hoje as esperanças mais caras do povo, e que será no futuro abençoada por ter cumprido uma grande missão, por ter implantado aqui a religião humanitaria de Washington, no seio da qual só existe uma divindade — o homem livre.

D'entre estes apóstolos destaca-se um, justamente considerado dos mais illustres, dos mais sympathicos, dos mais dignos de veneração, pela pureza da sua vida, dignidade de caracter e elevação da intelligencia. Esse homem, cuja biographia a *Galeria Republicana* apresenta hoje aos seus leitores, é o sr. José Joaquim Rodrigues de Freitas, jornalista, professor e deputado em varias legislaturas.

sivo, é certo que as luctas da vida constitucional no nosso paiz não produziram energias renovadoras, nem lançaram na alma popular a semente fecunda de novas creações politicas.

O sentimento da nossa inferioridade, como nação, o cynismo nos homens publicos, a descrença no povo, o egoismo na classe media, a ruina nas finanças, a decadên-



RODRIGUES DE FREITAS

II

Rodrigues de Freitas nasceu na cidade do Porto a 21 de janeiro de 1840, filho de José Joaquim Rodrigues de Freitas, um liberal sincero, d'esses que jogaram tantas vezes a vida nos combates heroicos feridos durante o memoravel cerco posto áquella cidade pelos setarios da monarchia absoluta. Como muitos outros, o pae de Rodrigues de Freitas ficou para sempre marcado na fronte com signaes indeleveis da sua dedicaçãõ á causa constitucional, que n'aquella epocha representava um progresso politico importante.

Tendo assentado praça n'um dos batalhões *fiços* do Porto foi gravemente ferido, ao pé da Casa Pia, nos fins de 1832, por uma explosão de pólvora que lhe desligou completamente as feições. D'aquí veio o chamarem-lhe José *queimado*, alcunha porque era conhecido depois do cerco.

Quando a familia constitucional portugueza se dividiu nos dois ramos — cartista e setembrista, tomou partido por este, como mais avançado, e por isso, mais sympathico ao seu espirito eminentemente progressista. Foi companheiro e amigo intimo de José Passos. Na sua loja do Largo dos Loyos parava habitualmente aquelle notavel homem politico, bem como os outros vultos principaes do partido setembrista. Era a celebre loja dos *Penles*. Alli se discutia e fazia a critica dos acontecimentos diarios.

Exerceu na alfândega do Porto o cargo de ajudante do fiscal da companhia braçal, auferindo d'esse modesto emprego e dos poucos capitães que possuia, os meios para educar seu filho, o joven Rodrigues de Freitas.

Foi este tão applicado ao estudo, logo desde os primeiros annos, que apenas tinha quinze de idade quando concluiu o curso preparatorio para entrar na Academia Polytechnica. Matriculou-se no 1.º anno de mathematica em 12 d'outubro de 1855 e terminou o curso de engenharia civil em 1861, sendo-lhe conferida a carta em 15 de julho de 1862. Da maneira como elle cumpriu os deveres escolares rezam os livros da Academia que nos mostram ter sido premiado em todos os annos.

Concorreu em 1864 ao concurso para uma cadeira da secção de commercio, n'aquelle estabelecimento, dando taes provas de talento e de conhecimentos que o jury o admitiu unanimemente. Por decreto de 29 de dezembro d'esse mesmo anno foi nomeado lente substituto da 11.ª e 12.ª cadeiras (commercio e economia politica), das quaes tomou posse em 4 de janeiro de 1865; e por decreto de 15 de maio de 1867 lente proprietario da 11.ª cadeira, que rege ainda e com muita distincção.

E' deveras lamentavel que as lições de tão illustrado professor não sejam ouvidas por maior numero de estudantes, n'uma cidade essencialmente commercial. Isto explica o pouco desenvolvimento dos commerciantes, em geral, os quaes, desprezando os estudos theoreticos, se limitam a seguir a rotina sem cuidarem de mais nada. Por isso ignoram os principios elementares de economia politica e de direito mercantil, o mecanismo das instituições de credito, a estatistica, a geographia commercial e outras muitas cousas que deve saber o homem de negocios.

Juntamente com a profissãõ do magisterio exerceu e exerce Rodrigues de Freitas a de jornalista. São muitas as folhas periodicas em que tem escripto, mas a principal é o *Commercio do Porto*, onde collabora assiduamente ha vinte annos. Alli tem tratado de todas as questões politicas e sociaes n'um sem numero de artigos, que, colleccionados, dariam materia para muitos e importantes volumes.

Os creditos de que goza aquelle diario, sobretudo no mundo commercial portuense, são devidos em grande parte aos artigos da autorisada penna de Rodrigues de Freitas, que tem estado sempre ao serviço d'esta cidade, discutindo e advogando os seus legitimos interesses.

Quando qualquer assumpto de importancia para a mesma vem á tela da discussãõ, lá está elle na Associação Commercial e no periodico para o esclarecer com a sua critica sã e desapaixonada. Os estabelecimentos de credito bancario, ultimamente organizados no Porto, devem-lhe todos mais ou menos serviços, podendo afirmar-se que a vida de Rodrigues de Freitas tem sido uma serie de esforços a favor do desenvolvimento economico d'aquella cidade; mas esforços desinteressados, porque a pobreza que o bafejou no berço, é ainda hoje sua companheira.

As classes trabalhadoras tem dedicado muita attenção, defendendo sempre os seus interesses, estudando as causas do seu mal estar e pedindo a protecção das leis para ellas. Em 1872 publicou uma obra intitulada *A Revolução social ou analyse das doutrinas da associação internacional dos trabalhadores*, onde são discutidos com muita critica os systemas economicos apresentados pelos reformadores modernos com o fim de resolverem o maior problema de nossos dias, o problema da organização social do capital e do trabalho.

N'este livro encontra a classe operaria a analyse imparcial d'essas doutrinas, os defeitos e vantagens, d'essas formulas de renovação economica. São paginas repassadas de sinceridade e de amor pelos que labutam nas offi inas, victimas de um regimen industrial que repousa ainda sobre muitos dos vícios das antigas instituições.

III

Rodrigues de Freitas não é só professor illustrado e jornalista distincto. E' tambem orador eloquente e parlamentar de reputação feita.

Foi pela primeira vez eleito deputado ás côrtes em 1870, pelo circulo de Valença do Minho.

Essas côrtes reuniram-se, depois do golpe d'estado de 19 de maio, que derrubou o ministerio historico presidido pelo duque de Loulé, deixando o paiz entregue á dictadura do marechal Saldanha. Eram difficéis as circumstancias em que nos encontramos; e spinhosa a missãõ dos representantes do povo n'aquelle momento.

Entre outras questões havia a da dictadura, que tanto sobresaltou a opinião publica.

A revolta foi um attentado contra as leis; inutil porque não trouxe reformas largas que alliviassem os dictadores da grave responsabilidade em que incorreram.

Apezar d'isso, aquella camara eleita,

como todas as que n'este paiz tem havido, á vontade do ministro do reino, approvou o *bill* de indemnidade ao governo, mas não sem o protesto de Rodrigues de Freitas, que na sessão de 9 de dezembro pronunciou um eloquente discurso, recamado de idéas liberaes e de sentimentos eminentemente patrioticos.

N'esta oração, a mais notavel que pronunciou n'aquellas côrtes, condemnou a dictadura, mostrando a sua inutilidade e pondo bem em relevo a differença entre as revoltas dos ambiciosos e as verdadeiras revoluções, que em certos momentos psychologicos da vida dos povos são uma necessidade. Aqui se mostrou partidario do direito á revolução proferindo os seguintes periodos:

« Eu não tenho duvida, e creio que nenhum progressista, de dizer que ha occasiões em que os povos vendo-se expoliados dos seus direitos, teem tambem o direito de com a força os manter. N'esse caso as revoluções são a satisfacção de uma urgente e ingente necessidade do espirito e da honra nacional.»

Além d'este discurso pronunciou muitos mais entrando na maioria dos debates que houve n'aquellas côrtes. E fel-o, com tanta elevação, conhecimento e seriedade, que apezar da curta duração do parlamento, pois foi dissolvido em junho de 1871, Rodrigues de Freitas saiu de lá com a reputação de orador parlamentar distincto, e de caracter honesto e independente.

Foram estas qualidades que o recomendaram aos eleitores do circulo oriental do Porto, por onde saiu deputado n'aquelle mesmo anno. Esteve na camara até 1874, e é este de certo o periodo mais brilhante da sua carreira parlamentar. Durante elle confirmou os creditos já adquiridos de orador eminente, e revelou um espirito critico de primeira ordem, cultivado por estudos solidos e variados.

Os seus discursos são modelos de eloquencia, de sinceridade e de bom senso. N'elles se alliam em admiravel harmonia as bellezas da linguagem portugueza com o vigor das idéas e profundeza dos conhecimentos.

D'essas arengas, tão abundantes em pensamentos generosos, as mais importantes para a apreciação dos sentimentos politicos do auctor, são as proferidas em 10 de março de 1873, em 11 de março de 1874, e em 18 de maio do mesmo anno.

A 1.ª é uma lição de philosophia politica repassada de nobres aspirações liberaes, de largas vistas reformadoras. O orador mostra a significação das festas celebradas no Porto por occasião da ida áquella cidade da familia real, dedicadas mais a solemnizarem anniversarios importantes do que a incensar o sr. D. Luiz I. Lamenta a paixão da burguezia pelas condecorações officiaes, tendentes a lançar no publico a falsa noção de que pelo dinheiro se pôde adquirir a consideração social, que só ao trabalho *intelligente e virtuoso* devia ser conferida.

Aprecia o valor das formas de governo e declara que não é affecto á monarchia, posto que n'aquelle momento não julgasse ainda o paiz preparado para receber as instituições republicanas. Combatu a falta de independencia do poder legislativo, fazendo derivar d'ella os nossos males.

Na sessão de 11 de março Rodrigues

de Freitas mostrou a illegalidade da doação que se dá ao infante D. Augusto, sendo o primeiro e unico deputado que no parlamento teve a independencia sufficiente para revelar tão escandalosa concessão a um membro da familia real.

Em 18 de maio de 1874 voltando a falar sobre a questão das formas de governo confirmou as suas convicções democraticas, mostrando a differença entre democracia e republica, pois que pode existir esta sem traduzir fielmente as idéas d'aquella. O orador combate o prejuizo, ainda hoje aceito por alguns, de que á existencia da monarchia e-teja indissolvelmente ligada a liberdade portugueza e a independencia do paiz. Para isso fez uma analyse rapida dos movimentos de 1640, de 1820, e de 1832, que foram obra exclusiva da nação, orphã de rei, entregue unicamente á sua energia e valor heroico. Muitos outros discursos notaveis pronunciou Rodrigues de Freitas, durante a legislatura que findou em 1874, mas não permite o espaço de que dispomos, que demos, aqui o seu resumo.

Já nos ultimos tempos d'aquella legislatura e principalmente nos annos seguintes começou a organisar-se em Portuzal o partido democratico republicano. Um grupo de velhos liberaes, capitaneado por Antonio d'Oliveira Marreca, fundou em Lisboa a primeira agremiação d'este partido com o titulo de *Centro eleitoral democratico*, que ainda hoje existe.

Já antes tinha apparecido o jornal a *Democracia*, onde collaboraram alguns dos nossos mais illustres correligionarios. As causas d'este revivescimento politico encontram-se na queda do imperio francez, na implantação do governo republicano em Hespanha e nas desillusões que trouxe a muitos espiritos o movimento popular de 1868.

No seio das classes conservadoras manifestou-se logo o receio instinctivo das novas doutrinas que vinham tomar posição nos combates da politica nacional. Receio habilmente aproveitado pelos regeneradores e reformistas do Porto para excluírem do parlamento o illustre tribuno de que nos estamos occupando, como effectivamente excluíram, levando a maioria dos eleitores do circulo oriental a escolherem nas eleições de 1874 o sr. Hlydio do Vale.

A hydra da revolução que se levantara temerosa, ameaçadora, em Paris, Aleoy e Cartiagena, apparecia agora aos eleitores do Porto, na pessoa do candidato opposicionista. Era necessario decepar-lhe a cabeça: a cabeça do monstro foi decepada.

Rodrigues de Freitas excluído da camara, entregou-se á sua profissão de jornalista e professor da Academia Polytechnica, acompanhando na imprensa todas as questões parlamentares.

Em 1876 fundou-se no Porto o *Centro eleitoral republicano democratico*, sob a presidencia do venerando ancão e respeitavel desembargador da Relação d'aquella cidade, Manuel Francisco Pereira de Souza. Rodrigues de Freitas, que até esta data fóra considerado apenas como liberal sincero, independente dos partidos militantes, filiou-se no novo Centro e fez parte da commissão installadora que assignou o manifesto dirigido ao paiz, com data de 1 de dezembro de 1876. Desde então tem sido sempre eleito presidente da assemblea geral.

No manifesto accentuava-se o pensamento de fazer propaganda pelos meios leaes e pacíficos, sobretudo pela eleição. Em conformidade com isso o centro republicano apresentou pelo circulo central do Porto, nas eleições geraes de 1878, a candidatura do seu illustre presidente, e o candidato fez a sua profissão de fé republicana n'um grande comicio reunido em 16 de julho no theatro Principe Real. Foi a primeira grande reunião republicana que se celebrou no Porto, e por isso marca data notavel na historia da democracia portugueza.

Apezar de todas as calumnias Rodrigues de Freitas saiu eleito por grande maioria, vencendo o candidato governamental em todas as assembleas eleitoraes. Da maneira como se comportou no parlamento rezam os jornaes do paiz, de todas as côres politicas, pois é certo que os proprios adversarios elogiaram o deputado republicano, o fiel defensor da moralidade, da economia, do progresso e da civilisação.

Proposto outra vez pelo mesmo circulo, nas eleições de 1879, saiu victorioso tambem por grande maioria, sendo a victoria precedida de uma declaração sua feita na vespera do escrutinio, que muito o honra e exalta. Como o partido progressista, a esse tempo no poder, se não julgasse com força para combater vantajosamente o candidato republicano, deu a esta candidatura caracter governamental e assim a annunciaram os jornaes, incluindo o *Comercio do Porto*, de que Rodrigues de Freitas é redactor. O illustre democratista que acabava de chegar da Allemanha, tendo conhecimento de semelhante facto, veio á imprensa restabelecer a verdadeira significação da sua candidatura afugentando muitos eleitores. É um procedimento nobre, de que poucos seriam capazes n'este paiz.

Sabe-se que Rodrigues de Freitas combatia sempre o ministerio progressista, apezar das ligações intimas que o prendiam a parte dos seus membros. Algumas palavras desfavoraveis á infallibilidade papal e ao *Syllabus* levantaram grande ceulema na camara, onde se contava não pequeno numero de sacerdotes. N'esse debate revelou-se o espirito conservador d'aquelle parlamento, que tão mal correspondeu ás esperanças da opinião liberal.

Entre os muitos assumptos que o illustre parlamentar tratou, com a independencia propria de um verdadeiro representante do povo, avulta a instrucção primaria a respeito da qual pronunciou um magnifico discurso nas sessões de 7 e 9 de maio de 1879. Este discurso foi o acontecimento mais importante d'aquella epocha parlamentar. N'elle fez Rodrigues de Freitas a apologia do methodo de leitura de João de Deus, e ao mesmo tempo mostrou as vantagens do *Kindergarten* ou jardim da infancia, systema inventado pelo illustre pedagogo Froebel, trabalhador humilde que hoje toma as proporções de um verdadeiro redemptor. Froebel foi effectivamente o redemptor das creanças.

Dissolvida a camara pela subida dos regeneradores ao poder Rodrigues de Freitas recusou-se a aceitar de novo a candidatura que os seus amigos do Porto lhe offerciam. A falta de saude impoz-lhe a necessidade de descansar por algum tempo, necessidade imperiosa que não podia

deixar de ser reconhecida pelos eleitores. Mas todos esperamos que o illustre republicano volte brevemente a occupar no parlamento a cadeira que tanto honrou.

IV

Apezar das suas occupações, como professor, jornalista e deputado, tem publicado differentes escriptos sobre economia politica, estatistica, commercio e critica historica. Não nos permitindo os limites da *Galeria Republicana* fazer a analyse, mesmo resumida, d'esses trabalhos, aqui apresentamos a lista d'elles pela ordem chronologica da sua publicação. São os seguintes: *Notice sur le Portugal*, Pariz, 1867; a *Revolução Social*, Porto, 1872; a *Crise monetaria e politica de 1876*, idem, 1876; *Elementos de escripturação mercantil*, idem, 1880; *Carta a Oliveira Martins sobre o Portugal Contemporaneo*, idem, 1881; as *Crises commerciaes* (na Revista Occidental).

Alem d'estas publicações em livro tem Rodrigues de Freitas escripto no *Comercio do Porto* artigos seguidos sobre muitas questões, que são verdadeiros tratados. Oxalá que um dia sejam editados, porque só assim terá o paiz occasião de conhecer o valor d'esses estudos.

Porto, 22 de fevereiro de 1883.

ALVES DA VEIGA.

Restabelecer o socego

« Povo, quando a tyrannia jaz por terra, guardai-vos de lhe dar tempo de se erguer. »

RODRIGUES.

O maior trabalho da monarchia consiste em degradar a Republica.

Por especulação, por cubica e por malvadez, aproveitam-se os seus defensores, do menor accidente, para entoarem a gamma systematica de injurias, e vituperios contra o Governo do povo, pelo povo. A plebe!, é simplesmente uma raça servil, na douta opinião d'essa rival da tyrannia!...

As oscillações são sempre terriveis, e mui principalmente quando se trata de punir qualquer attentado, contra o Governo d'uma sociedade livre. Se a França castigar severamente a audacia criminosa d'esses aventureiros, que fazem causa commum, com essas toupeiras; maldita praga que requer prompto exterminio; de certo que para o futuro, esses miseros desthronados, não hão-de com a mesma facilidade, e sem cerimonia, desembainhar contra ella, a perigosa espada do direito divino!

A França faz mal se deixar nas mãos dos seus inimigos esse vil instrumento, com que elles hão-de sem treçoas combater-a embora clandestinamente.

Acabem-se d'uma vez para sempre os privilegios! quem delinquir, receba em continenti, o merecido castigo! Tenha muito embora a proveniencia do bordel d'uma altiva rainha!, ou do simples leito, d'uma humilde camponesa.

Toda a vez que assim não aconteça, em quanto a justiça não fór igual para todos, sem distincção de classes; em quan-

to houver excepções devidas ao acaso de nascimento, jamais esses homens, a quem as clausulas do direito, legalisa os seus actos infames, deixarão de promover desordens, e de suscitar conflictos.

E' a propria sociedade que os admite no seu gremio, sem lhes applicar a lei da egualdade, quem lhes afimenta essa odiosa isempção. Ou bem que a Republica corrobora os seus direitos em nome do povo, ou bem que deixa o campo livre a esses biltres, para reivindicarem o direito da tyrannia, em nome da natureza! Tenho pela França a maior sympathia e admiração.

No espaço d'alguns annos todos os povos da raça latina, hão-de seguir passo a passo, o caminho que a França, actualmente traça no mappa das evoluções. E como se da França, unicamente dependesse o bom ou mau porvir d'esses povos, nossos irmãos; estremeço ao menor revez que lhe succede; indigno-me á mais leve sombra de fraqueza, que ella possa apparentar, perante esses odiosos pretendentes ao throno derrocado, e infamado em Sédan!

Intimar terminantemente esses parasitas, a saber quanto antes d'esse solo, que elles deixam assignalado com devassidões, é um dever, e uma honra para essa briosa Nação.

Mais val a liberdade do povo, do que uma liberdade politica sempre ameaçada pelo fanatismo, e pelo privilegio hereditario!

Certamente que esse estado duvidoso, seria para todos os francezes, mais sensivel do que compellir esses heroes de Molière, a irem aspirar novos ares para longe da Patria!

Até os nossos monarchicos, restabeleceriam o socego nas suas interessantes discussões, sobre a estabilidade da Republica franceza!

Lisboa.

MARIA LUIZA CALDAS.

A questão egypcia

Em o numero 12 d'esta publicação tentei dar uma idea do miseravel estado actual dos fellahs, legitimos descendentes dos egypcios pharaonicos. Estacionavam no porto occidental do Delta as esquadras ingleza e franceza. Esta ultima renunciou á politica interventiva e egoista dos anglo-saxões, contemplando de longe o prologo sanguinolento d'Alexandria e o epilogo falsamente glorioso de Tell-el-Kebir.

Arabi-pachá era um revoltoso ex-ministro, talvez d'origem fellah, e em volta d'elle levantava-se, fanatisado pelo seu talento e energia, um grande numero d'esses infelizes, submettidos ha 22 seculos a successivos dominadores, persas, romanos, mahometanos, fatimitas, ayubitas, mamelucos, turcos, todos mais ou menos indifferentes aos esplendores architectonicos legados por essa civilização de 40 seculos, sepultados dia a dia pelo lodo do Nilo e pelas areias do deserto, ou mutilados pela brutalidade mussulmana desde o filho de Saladino que tentou arrasar as pyramides até Tekwit-pachá que consente a exploração dos monumentos visinhos do Cairo como pedreiras naturaes.

O Agyptos d'Homero, o Themi dos indigenas, o Misraim dos hebreus, o Masr dos arabes, o Elkabit dos turcos, caiu no silencio da escravidão, interrompido apenas pelos gritos agudos dos sakiels e pelos gemidos dolorosos dos fellahs bastonados nas praças publicas como simples machinas de exploração tributaria, enquanto debaixo d'um ceu purissimo a corrente magnifica do Nilo espelha os *bouquets* de palmeiras sussurrantes ao sopro ardente do *khamssu*, as esphinges attentas ás phases d'uma historia immensa, as pyramides, de todas as grandezas, as decorações inimitaveis dos templos, os capiteis cahidos, os colossos despedaçados, um montão de ruinas soberbas povoadas por uma população de desgraçados, ou confiados aos escorpiões e aos chacaes e tambem aos phantasmas que a imaginação do fellah desenha ao luar por entre as columnadas como instinctivas evocações dos seus gloriosos antepassados.

E' certo que o egypcio plebeu não era mais feliz do que o actual fellah. A escravidão da ultima casta foi o que permittiu tão gigantescas construcções.

Sera, porém, a occupação ingleza uma garantia de civilização autonómica para o Egypto, um penhor de restauração nacional sobre as modernas bases da liberdade? Os factos responderão.

Seja como fór, é impossivel deixar-se de ter extrema sympathia por essa admiravel facha marginal do Nilo quando, entre muitos se vê um viajante distinctissimo escrever o seguinte notavel periodo, em Karnac, diante das ruinas de Thebas, a immensa capital dos pharaós desde a decima á vigessima dynastia:

«Percorri a Italia desde Veneza até Regio, visitei as ultimas povoações da Grecia; durante um mez subi todos os dias os duros carreiros da Acropole de Athenas, fixei a minha tenda em Balbek, dormi em Epheso, Sardos, Mileto; passei pelas ruas desertas de Rhodes; marchei passo a passo na Asia menor, vivi longos dias na Palestina, contemplei bastantes ruinas em bastantes paizes, mas nunca, nunca vi cousa alguma comparavel a Karnac.»

J. DE OLIVEIRA GANCHA.

A VICTOR HUGO

Gigante luctador! O mundo, o mundo inteiro, Aclamou-te d'ha muito o deus da Humanidade; E eu despo, curvamente, aos mundos da humildade, Hoje, que vae cantar o ultimo ao primeiro!

Se existe Deus acaso, é um Deus aventureiro... E n'um Deus sem talento, acreditar quem ha-de? Eu amo tu deus em ti; — amo essa magestade Do deus do pensamento! És Deus, o verda leiro!

Gigante, eu te saúdo! Os ecos do meu peito Pouco pó tem valer entre os allivos cantos Que te envia o universo amante do Direito!

Que importa, pensar? São os teus louros tantos Que eu choro ler nascido em paz tão impo-facto, Onde ha falta de pão, e onde se bebem prantos.

Fevereiro, 83.

ROBERTO VALENÇA.

CHRONICA

Que bello sol, meu amigo! Portugal é um paiz unico — unico pelo seu clima e unico pelos seus governos. Que seria de nós, se nos vissemos, sem este raiosito de

sol, que em pleno mez de fevereiro, nos aquece e reanima?! Somos uns pobertanas, é certo; e andamos com as algeibeiras vasias, sem cinco reis, á divina, perfeitamente; mas temos em compensação, uma natureza prodiga e opulenta, um solo fertil e abundante, a par de um thesouro esfallado pelas demasias da monarchia e de uma administração anarchica pela insensatez dos governantes.

Dizem que o povo é indifferente. Perfeitamente de accôrdo! Mas a indifferença é um producto do meio, que nos cerca e envolve. Com mil diabos, dizia-me outr'odia um empregado publico: «Com um sol d'estes dá mesmo vontade de a gente se deitar de barriga para o ar...»

Nem mais nem menos. Em estar de barriga para o ar é que pensa precisamente o amante indigena, se em alguma coisa elle pensa — a semelhança da gibóia, que está seis mezes a fazer a digestão do boi, que enguliu...

Ora ahí está!

*
*
*

Foi coisa rica a sessão do *Club Henriques Nogueira*. As salas estavam elegantissimamente adornadas. Poucas associações se encontrarão hoje em Portugal tão bem postas e com tanto futuro. A sala principal é vastissima; comporta bem á vontade, quinhentas cadeiras. Pois estava cheia, *cheiissima*, na noite de domingo, 23 do corrente, e talvez com duzentas pessoas a mais do que podia comportar: tal era o entusiasmo de que estavam possuidos aquelles que tiveram a rara fortuna de encontrar bilhete para aquella festa.

Além da sala principal ha ainda a sala dos bilhares, um delicioso gabinete de leitura e os gabinetes onde se acha installada a redacção do *sympathico jornal* — *A Era Nova*. Convido-te a visitar este club, se realmente te interessa pela prosperidade das associações portuguezas.

Escuso ainda dizer-te que foram soberbos e delirantemente applaudidos os discursos ali pronunciados n'essa noite pelos nossos amigos Silva Lisboa, Sousa Brandão, Theophilo Braga, Manuel d'Arriaga, Elias Garcia, Consiglieri Pedroso, Gomes da Silva, Magalhães Lima e Francisco Cordeiro.

Hurrah! pela republica! Hurrah!

*
*
*

Para a outra semana me occuparei da politica. Os brejeiros da monarchia andavam a esfregar as mãos com a crise franceza. Sabiu-lhes porém o gado moqueiro. Hão de ver agora o que é um governo intelligente e enérgico.

E entre nós? Ora! entre nós... morreu o patriarcha... e eis ahí está.

CABRION.

BIBLIOTHECA DA GALERIA REPUBLICANA

Conselheiro do Povo.....	5800
A Filha do Jorge.....	5400
A filha da Republica.....	5200
Canções da Canalha.....	5200
Almanach da Galeria Republicana.....	5120
O Legado d'um Rei.....	500
O Gladio intellectual.....	500